



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE HISTÓRIA

GLEIDSON LUIS FARIAS ALVES

**A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: OS ASPECTOS DAS DENOMINAÇÕES
DE TRÊS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE AUGUSTO CORRÊA/PA.**

Bragança/Pará

2022

**A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: OS ASPECTOS DAS DENOMINAÇÕES
DE TRÊS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE AUGUSTO CORRÊA/PA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História, Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança, como requisito final para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Carolina Christiane de Souza Martins

BRAGANÇA/PARÁ

2022

AGRADECIMENTOS

A caminhada até aqui não foi fácil. Foram muitos os dias em que eu pensei que não fosse conseguir chegar até o fim dessa etapa da minha vida acadêmica, de novo. Mas, assim como em 2015, a caminhada ficou menos dura porque no meio do caminho eu tive ajuda e apoio de muita gente, que nunca deixou de acreditar em mim. Às minhas irmãs Lília e Lívia, que quando as coisas ficaram difíceis, elas seguraram as pontas e nunca me deixaram desistir. Sempre me dando forças para continuar seguindo. Toda minha gratidão e amor por vocês! À minha mãe, Maria Ivanilda, por todo amor. Essa conquista também é sua! A senhora é meu exemplo de perseverança, esperança e fé. Ao meu pai, João Maria Cunha Alves, pelo apoio logístico e por tudo que o senhor fez e faz por mim e por nós. Ao meu irmão Fernando, ao meu sobrinho/afilhado Marcus Paulo; às minhas sobrinhas Aryela, Maria Flor, Lívia, Fernanda e à minha sobrinha/filha Maria Noêmia, por terem sido minha alegria e momentos de felicidade.

Ao meu tio Nazareno Cunha, por todo apoio nesses últimos dois anos, pelo emprego e por ter me deixado fazer as atividades de aula durante o horário de trabalho. Gratidão! Ao meu primo Rodrigo Cunha pelo apoio de sempre, pelas palavras de força e pela parceria.

Também nesses últimos dois anos, eu fui abençoado com um reforço muito importante para que eu pudesse continuar trilhando nesse propósito de terminar a graduação. Meu coração é, desde então, amor e gratidão à minha namorada e maior incentivadora, Ana Regina Risuenho Monteiro. Você tem sido meu porto, meu motivo para ficar, para continuar, para ter fé e esperança no futuro. Muito obrigado por todo amor, pela parceria, compreensão, carinho, colo, paciência e por tudo. À minha sogra, Cilene Risuenho, por dividir comigo nesses últimos meses seu computador para que eu pudesse escrever, pelos incentivos e, principalmente, por me acolher na sua casa; e às minhas cunhadas, Eulália e Vitória por todo carinho e apoio, muito obrigado!

Por fim, agradeço ao meu primeiro orientador, professor Rafael Santos, por iniciar comigo essa tarefa, pelas leituras e por todo apoio. E, à minha atual orientadora, professora Carolina Martins, por aceitar seguir comigo nessa missão. Muito obrigado!

Sobre caminhar
Meu caminho ainda é meio indefinido
Não estou parado, caminho, mas ainda me sinto perdido
Como saber para onde caminhar nesta vida cheia de encruzilhada?
Que não te dá bússola, nem Norte
Tampouco te dá esperança de uma boa chegada
E há de se contar com um bocado de sorte
Ainda não sei meu caminho
Mas sigo caminhando
Ainda meio sem rumo
Aí quem sabe um dia eu me acostumo
Que andando assim (não mais) sozinho
Supero a indecisão
E acabo achando a direção
Do (in)esperado destino.
(Gleidson Alves, maio de 2018, início da graduação).

A ESCOLA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: OS ASPECTOS DAS DENOMINAÇÕES DE TRÊS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE AUGUSTO CORRÊA/PA.

Gleidson Luis Farias Alves¹

RESUMO

A proposta deste artigo é compreender, usando o método da história oral, o processo que envolve as nomeações de instituições públicas. Para o caso específico aqui apresentado, procuro analisar as nomeações de três escolas públicas localizadas no município de Augusto Correa/PA, buscando compreender quem são as pessoas que emprestam seus nomes às instituições de ensino e considerando estes espaços enquanto lugares de memória. Nesse sentido, apresento um breve histórico da fundação das escolas e um pequeno recorte biográfico dos indivíduos que dão seus nomes a elas. As pessoas entrevistadas nessa pesquisa estão diretamente ligadas aos aspectos que levaram a escolha dos nomes dos indivíduos para nomear as escolas, seja por relações de parentesco, política ou ainda apenas como forma de homenagem.

PALAVRAS-CHAVE: História Oral. Lugares de memória. Nomeação das escolas. Augusto Corrêa-PA.

¹ Graduando do Curso Licenciatura em História, Universidade Federal do Pará, Bragança-PA
gleidson.l.f.alves@hotmail.com

ABSTRACT

The purpose of this article is to understand, using the method of oral history, the process that involves the appointment of public institutions. For the specific case presented here, I try to analyze the appointments of three public schools located in the municipality of Augusto Correa/PA, seeking to understand who are the people who lend their names to educational institutions and considering these spaces as places of memory. In this sense, I present a brief history of the foundation of the schools and a small biographical clipping of the individuals who give their names to them. The people interviewed in this research are directly linked to the aspects that led to the choice of the names of individuals to name the schools, whether due to kinship relations, politics or even just as a form of tribute.

KEYWORDS: Oral History. Memory places. Nomination of schools. Augusto Correa-PA.

1. Introdução

Meu interesse sobre essa temática que envolve o nome dos lugares, principalmente das escolas, especificamente, das escolas do meu município, Augusto Corrêa-PA, se deu a partir de questionamentos referente às pessoas que dão nome à essas escolas. Perguntas como: quem foram essas pessoas? Por que a escola recebeu seu nome? E por que nós, enquanto alunos dessas escolas, não sabemos, nem durante os anos que passamos nesses lugares nem após sairmos, quais as histórias dessas pessoas? São questões que parecem simples, mas que as suas respostas podem envolver muitos significados e algumas lacunas. É nesse sentido de responder a essas perguntas e preencher as lacunas que envolvem a história das nomeações das escolas do município de Augusto Corrêa, que vai se debruçar esse artigo.

O ato de nomear espaços públicos, logradouros e imóveis está envolto de muita simbologia. Para Cunha Filho e Magalhães, “é comum homenagear-se um ser humano (vivo ou morto), uma data, um evento, um sentimento ou até mesmo uma aspiração, sempre cheios de significados” (CUNHA FILHO e MAGALHÃES, 2021. p. 12). É a partir desse ato de nomear os lugares para homenagear pessoas, que este artigo pretende compreender as motivações e aspectos que envolvem as nomeações das Escolas Municipais Professora Rosa Athayde, Professora Cecilia de Brito Lobão e Alfredo Monteiro de Seixas. As três escolas estão localizadas na sede do município de Augusto Corrêa, região nordeste do estado do Pará. Será através de relatos orais de indivíduos que fizeram parte do momento histórico de inauguração dessas escolas e que podem esclarecer os aspectos e motivos que levaram a escolha dos nomes das pessoas que dão nome a esses espaços, que pretendo responder a questões relevantes como, quem foram Professora Rosa Athayde, Alfredo Monteiro de Seixas e a professora Cecília de Brito Lobão para a história do município? Quais as memórias deixadas por estas pessoas para o município de Augusto Corrêa? Quais os aspectos e motivações que levaram os administradores da época a dar o nome desses indivíduos às escolas, além de buscar entender esses espaços como lugares de memória.

Sobre a construção das memórias ligadas às ideias das nomeações de lugares, CUNHA FILHO e MAGALHÃES (2021), destacam que:

A ideia de homenagem é central na presente reflexão, porque funciona como indicativo de que nominar um espaço público não é algo banal ou mero ato administrativo de rotina; envolve aspectos sensíveis da memória coletiva, inseridos no âmbito do patrimônio cultural, que tem adquirido um

protagonismo na (re)construção do passado. (CUNHA FILHO e MAGALHÃES, 2021, p. 12).

A proposta a que se destina este trabalho é tentar identificar se existe a preocupação dos gestores públicos, assim como dos professores das referidas escolas com a preservação da memória das pessoas homenageadas com a nomeação das escolas. Sendo a escola um lugar de memória e de construção de identidades, é possível construir uma identidade cultural local, estabelecendo-se relações entre o nome das instituições e a memória coletiva da cidade? Se as memórias deixadas pelos indivíduos estudados neste artigo estão sendo transmitidas, de forma coletiva ou não, no sentido de dar continuidade a elas, tanto para os moradores da cidade, como, principalmente, para a comunidade escolar? Pois, pude perceber, a partir das entrevistas realizadas com alunos dessas escolas que eles não sabem quem foram as pessoas que nomeiam as escolas em que estudam. Percebi também que se dá mais importância e ênfase para a transmissão de histórias e memórias ligadas, especificamente, à fundação das escolas, mas nunca ou muito pouco, às histórias e memórias das pessoas que dão nome a esses lugares. Ou seja, não há nesses lugares nenhuma forma de resgate das histórias dos homenageados ou projeto que esteja voltado para fazer com que essas escolas sejam, não apenas transmissoras de conhecimento, mas que incentive a transmissão das memórias das pessoas que as nomeiam. Porém, há uma certa contradição nesse ponto, pois não podemos compreender esses dois aspectos separadamente, uma vez que estão intimamente ligados.

As escolas são parte do patrimônio histórico do município, e, portanto, designa o papel não só de construção de saberes, mas, sobretudo, deve desempenhar o papel social de construção de identidades culturais. E isso é possível se esses lugares se propuserem a mudar a perspectiva das nomeações meramente como atos isolados e sem significados.

2. Metodologia e Fontes

O método de pesquisa utilizado para embasar este trabalho foi o da História Oral, como forma de compreender, através dos relatos dos indivíduos entrevistados, os aspectos das nomeações das escolas, conhecer a história de vida dos homenageados e ainda entender esses espaços como lugares de memória. As pessoas entrevistadas nessa pesquisa estão diretamente ligadas aos aspectos que levaram a escolha dos nomes dos indivíduos para nomear as escolas, seja pela relação de parentesco, política ou ainda apenas como forma de homenagem.

Foram realizadas 15 entrevistas, entre ex-prefeitos, ex-professores e alunos das escolas. As entrevistas ocorreram entre os meses de março e maio de 2022. Para compreender a nomeação da escola municipal de ensino fundamental Alfredo Monteiro de Seixas, realizei entrevista com o senhor Iraildo Farias Barreto, ex-prefeito do município de Augusto Corrêa entre (2017-2020) e que foi o responsável pela criação e inauguração da referida instituição. Junto com o ex-prefeito Iraildo, foi entrevistada a professora Rosenilde de Cássia Assis, que quando da criação e inauguração da escola, estava à frente da Secretaria Municipal de Educação do município e por último, entrevistei o professor Joaquim Augusto de Sousa Seixas, filho de Alfredo Monteiro de Seixas.

O entrevistado para os relatos sobre a professora Cecilia de Brito Lobão, homenageada na nomeação da escola, foi o Dr. Milton Mateus de Brito Lobão, médico, ex-prefeito do município de Augusto Corrêa (1997-2000) e filho de Cecília de Brito Lobão. Para falar sobre a história e outros fatos relacionados à nomeação da escola Professora Rosa Athayde, foram ouvidas as professoras Osmarina Matos da Cunha e a Professora Joana Nascimento Moraes, ex-professoras da instituição e contemporâneas da professora Rosa Athayde.

Ainda sobre o contexto das entrevistas, julgo necessário destacar a importância do método da história oral como forma de encontrar vestígios do passado e as memórias das pessoas que deram nome às escolas através dos relatos dos entrevistados. Sobre isso, a professora Carolina Martins (2015), destaca que:

As entrevistas são fontes que permitem ao historiador uma aproximação com o passado, sobretudo quando se quer conhecer fatos que não estão disponíveis em outros tipos de documentos. O trabalho com a história oral permite ao historiador explorar as narrativas dos sujeitos escolhidos a fim de compor uma narrativa principal. (MARTINS, 2015. p. 64).

De acordo com o historiador Paul Thompson (2002) “a história oral foi instituída em 1948 como uma técnica moderna de documentação histórica, quando Allan Nevins, historiador da Universidade de Colúmbia, começou a gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana” (THOMPSON, 2002, p. 89).

Thompson aponta ainda que “a partir da década de 1970 este método foi vigorosamente revivido em relação à história dos índios, a história dos negros e ao folclore estendido a novos campos, tal como a história das mulheres” (THOMPSON, 2002, p. 89).

Contudo, é preciso analisar com certos cuidados os sujeitos que serão ouvidos/entrevistados, pois como nos diz THOMPSON (2002)

como escolhemos a quem ouvir? A história sobrevive como atividade social apenas por ter hoje um sentido para as pessoas. A voz do passado tem importância para o presente, mas de quem é a voz – ou de quem são as vozes – que se deve ouvir? (THOMPSON, 2002, p. 10).

Dessa forma, destaco que a importância da história oral nesse trabalho deve-se, sobretudo, às diversas possibilidades que ela oportuniza, muito bem colocadas nas palavras de THOMPSON (2002):

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e dos outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 2002, p. 44).

Ainda conforme THOMPSON (2002), a história oral é a interpretação da história e das mudanças ocorridas nas sociedades e culturas por meio de relatos orais em que aparecem as lembranças e experiências, que são registradas pelo sentido auditivo de quem a registra. Compreende também a história oral pelo seu caráter interdisciplinar, pois demonstra como a interação humana permeia e transcende todas as barreiras das disciplinas.

3. As escolas pesquisadas: breve histórico de fundação e biografia de seus patronos

A Escola Professora Rosa Athayde está localizada na Travessa Manoel Avelino Alves, Bairro Santa Cruz e é a principal escola de ensino fundamental do município. Fundada em 1973, na administração de Osvaldo Sampaio de Lima, foi a primeira escola criada após a emancipação política do município. Construída em homenagem à esposa do ex-prefeito Major Benedito Cardoso de Athayde, primeiro prefeito constitucional do município. O prédio onde hoje está localizada a escola foi inaugurado na administração do prefeito Esmaelino Braga do Nascimento e foi construída com recursos próprios do município e o período de sua construção

se deu entre 1985 a 1987, sendo inaugurada em 1988, nesse momento como escola de 1º e 2º grau.

Figura 1 - Escola professora Rosa Athayde



Foto: Gleidson Alves (2022)

Rosa Fernandes Medeiros, nasceu em Bragança, em 08 de outubro de 1894 e pertencia a uma família de políticos. Seu pai era o Major Simpliciano Fernandes de Medeiros e sua mãe, Marian Fernandes. Era neta de José Paulino dos Santos Mártires, professor e sobrinho de Luiz Paulino dos Santos Mártires, também professor. Na antiga vila de Urumajó, foi uma das primeiras educadoras e era esposa do ex-prefeito Benedito Cardoso de Athayde.

Figura 2 - Professora Rosa Athayde



Fonte: Arquivo da escola, capturada pelo autor (2022)

A Escola Professora Cecília Lobão está localizada na Travessa Domingos Nivaldo Lima, 214, Bairro Espírito Santo. Sua fundação está datada de 01 de agosto de 1998, pelo então prefeito municipal Dr. Milton Mateus de Brito Lobão e é, desde então, a principal escola de educação infantil do município. Dr. Milton Lobão, que foi entrevistado para esta pesquisa, é filho da Professora Cecília de Brito Lobão.

Figura 3 - Escola professora Cecília de Brito Lobão



Foto: Gleidson Alves (2022)

Cecília de Brito Lobão, nasceu em 23 de abril de 1927, no povoado de Tijóca, comunidade próxima da vila de Urumajó, hoje Augusto Corrêa. Aos 15/16 anos mudou-se para capital, onde estudou na Escola Normal, considerada a melhor escola de Magistério de Belém. Aos 19 anos de idade se formou como professora de magistério. Em 1946 voltou para a vila de Urumajó para lecionar como a primeira professora normalista do município.

Figura 4 - Professora Cecília de Brito Lobão



Fonte: Arquivo da família, capturada pelo autor (2022)

A Escola Alfredo Monteiro de Seixas está localizada na Rua Nova, Bairro São Benedito. Esta foi inaugurada em 25 de janeiro de 2020, pelo então prefeito Iraildo Farias Barreto e foi criada para suprir a demanda de matrículas da Escola Rosa Athayde, pois esta não conseguia atender as demandas de matrículas na sede do município. A escola recebe alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Figura 5 - Escola Alfredo Monteiro de Seixas



Foto: Gleidson Alves (2022)

Alfredo Monteiro de Seixas, conhecido no município de Augusto Corrêa, antiga vila do Urumajó, como Alfredinho. Ele é o primeiro filho do casal, Joaquim Ferreira de Seixas e Ana Monteiro de Seixas. Nasceu em 19 de janeiro de 1924, em Bragança-PA. Politicamente, exerceu o cargo de vereador por duas vezes, em 1948 e depois em 1952. Depois, entre os anos de 1967/1971, elegeu-se para o primeiro mandato como prefeito do então recém-criado município de Augusto Corrêa, e em seguida, entre os anos 1977/1982, exerceu o mesmo cargo.

Figura 6 - Alfredo Monteiro de Seixas



Fonte: Arquivo da família, capturada pelo autor (2022)

4. O espaço escolar: lugar de memória e de construção de identidades

Para a temática proposta é imprescindível compreender as escolas enquanto lugares de memória e de construção de identidades culturais. Sobre os lugares de memória, Pierre Nora (1993) enfatiza que “os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a torna interessante, mas também complexa, simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência, e ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração”. (NORA, 1993. p. 21).

Ainda segundo NORA (1993) os lugares de memória sempre estarão revestidos de simbolismos, além de outros aspectos que os definem. A esse respeito, ele completa:

São lugares, com efeito nos três sentidos das palavras, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o reveste de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre. Trata-se de um lugar de memória abstrato quanto a noção de geração? É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, pp. 21-22).

Contudo, NORA (1993) destaca que os locais de memória só existem porque não há mais os “meios de memória”. É preciso rever, portanto, nessas escolas como lugares de memória, meios para que as memórias dos seus patronos sejam transmitidas para a comunidade escolar, em todas as gerações. A esse respeito, NORA (1993) discorre que

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema da sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais porque não há mais meios de memória. (NORA, 1993, p. 7).

Ainda nesse sentido, NORA (1993) completa dizendo que “se habitássemos ainda nossa memória, não haveria necessidade de lhe consagrar lugares”. (NORA, 1993, p. 08).

É possível compreender a afirmação de NORA (1993), a partir do ato de dar os nomes de pessoas aos lugares. No caso específico deste trabalho, percebe-se que as nomeações das escolas se dão por relações entre famílias que detinham um certo controle e poder local. Mas, qual a necessidade de nomear as escolas para que as memórias desses sujeitos sejam preservadas se não há conhecimento das suas histórias? NORA (1993) é enfático ao responder que “não haveria lugares porque não haveria memórias transportadas pela história”. As memórias dos indivíduos que dão nome as escolas estudadas aqui não estão sendo

transportadas. Ou seja, dá-se seus nomes às escolas, porém, as suas histórias não são conhecidas dentro desses espaços.

Ainda a respeito da perspectiva das nomeações, mas agora tomando esses atos não como forma única para entender todo o contexto. Para isso, é importante observarmos que surgem outros fatores que parecem pertinentes para a reflexão proposta neste artigo. É preciso pensar para além das nomeações como atos puramente administrativos. Faz-se necessário entender as nomeações das escolas do município de Augusto Corrêa como fator relevante para a construção da identidade cultural dos indivíduos que estão inseridos nesse ambiente escolar, assim como de toda a comunidade. A construção de uma identidade cultural é possível ser pensada através da compreensão de que exista uma memória coletiva ligada às pessoas que dão nome às escolas. É nesse sentido que Ricardo Oriá (2004) traz argumentos muito bem colocados sobre essa abordagem. ORIÁ (2004) esclarece que:

A valorização e o conhecimento de um bem cultural, que testemunha a História ou a vida do país, pode ajudar-nos a compreender quem somos, para onde vamos, o que fazemos, mesmo que muitas vezes pessoalmente não nos identifiquemos com o que esse mesmo bem evoca, ou até não apreciemos sua forma arquitetônica ou o seu valor histórico. O importante é que ele faz parte de um acervo cultural que deve ser preservado por toda comunidade, pois é revelador e referencial para a construção de nossa identidade histórico-cultural. (ORÍÁ, 2004, p. 134).

A escola como patrimônio histórico do município deve ser valorizada e a história de quem empresta seu nome a ela deve ser conhecida. Dessa forma, concordando com o autor acima citado, esse bem cultural, referencial para a construção da identidade, poderá ser preservado. Nessa perspectiva ORIÁ (2004) também enfatiza que

Atualmente se preserva um bem cultural não só pelo seu valor estético, arquitetônico ou histórico. Ele é preservado se tem significação para a comunidade em que está inserido e se essa preservação possibilita a melhoria da qualidade de vida de seus moradores e contribui para a construção da sua identidade cultural e o exercício da cidadania. A preservação do patrimônio histórico deve pautar-se no binômio indissociável identidade cultural e qualidade de vida. (ORÍÁ, 2004, p. 138).

A escola tem significados diversos para a comunidade. Ela desempenha sim essa qualidade de vida, pois, seu papel primordial é formar cidadãos que busquem compreender o meio social em que estão inseridos. O exercício da cidadania passa pela escola.

É importante trazer os estudos de Jacques Le Goff (1924) sobre a memória coletiva, pois suas ideias dialogam com o contexto das nomeações das escolas aqui estudadas e, principalmente, sobre a importância da manutenção e transmissão das memórias das pessoas que emprestam seus nomes a elas. Para LE GOFF (1924) desde a segunda metade do século XX, a memória coletiva desempenha um papel importante para a evolução das sociedades, pois é compreendida como “reservatório (móvel) da história” e “eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico”. (LE GOFF, 1924. pp. 475/476).

Ainda para LE GOFF (1924) “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento (...)” (LE GOFF, 1924. p. 476). São colocações interessantes para trazer à luz desse trabalho, pois, busca o entendimento da importância de compreender os caminhos para uma memória coletiva capaz de conservar a história e pensar também nesses fatores para a construção das identidades, que podem ser constituídas dentro dos muros das escolas e para além deles. Concluindo essa ideia, LE GOFF (1924) discorre que

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1924, p. 477).

O resgate das memórias dos homenageados nessas escolas e sua transmissão compreende, portanto, fator imprescindível para a construção da identidade, principalmente, coletiva. Chegamos a outro ponto interessante quando vamos tratar dos aspectos que precedem as nomeações desses espaços. Até onde é homenagem e não somente um ato político? Sobre isso PINTO (2015) traz uma boa reflexão:

Essa discussão e esses exemplos vêm corroborar a associação entre nomes, homenagem e política. Se denominar é classificar, denominar como uma forma de homenagem é mais do que isso. As homenagens funcionam como um estreitamento de relações, um reconhecimento, um agrado, um contentamento, especialmente na forma como os políticos as concebem. Ao se denominar um logradouro público com o nome de uma pessoa, não se está apenas dando nome a um lugar que antes não o possuía como uma forma de localizá-lo no espaço. Denominar, entre outras coisas, significa (tentar) produzir, criar e/ou sedimentar relações por intermédio dos nomes, posto que o homenageador e o(s) homenageado(s) ficam em evidência nesse processo. (PINTO, 2015, p. 8).

Nessa perspectiva, de acordo com as entrevistas realizadas, pude observar que todas as três personalidades que tiveram seus nomes dado às escolas, estão ligadas diretamente com a história política do município de Augusto Corrêa. A partir dessa constatação, podemos entender que o ato dessas nomeações envolve não somente uma homenagem, mas, de certa forma, está envolto de uma motivação política.

Para o ex-prefeito Iraildo Barreto, a nomeação da escola se deu como uma homenagem pelas contribuições e por tudo que o ex-prefeito representou para a história do município. Uma forma de perpetuar essa memória através da nomeação do local que se transformou, exatamente, nesse lugar de continuidade da memória. Nas palavras do ex-prefeito Iraildo,

A gente sempre acompanhava, era a preocupação, principalmente na zona rural, na época quando ele estava prefeito, a dificuldade era muito grande de conseguir professor, e ele era uma pessoa muito preocupada em levar aqui da sede para vilas maiores, para poder dar condição de atender aquelas comunidades com uma educação de qualidade; isso a gente acompanhava, a gente sabia que ele tinha essa preocupação, né? Assim também como nas outras áreas, né? O ex-prefeito foi muito preocupado com o município, todos os setores, como agricultura, na educação, nas obras... Ele deixou seu legado, que nos deu essa condição de poder, também, escolher o nome dele, para que essa escola ficasse como lembrança, por tudo que ele fez pelo município. (Iraildo Farias Barreto, ex-prefeito do município de Augusto Corrêa, entrevista realizada em 15/03/2022).

Ainda nesse sentido, a professora Rosenilde de Cássia, fala sobre a importância de diferenciar esses aspectos políticos, homenagem e parentesco, quando se referem a nomeações dos lugares. Quando perguntada se o motivo principal da escola receber o nome de Alfredo Monteiro de Seixas foi, exatamente, em homenagem à história e às contribuições do ex-prefeito ao município de Augusto Corrêa, ela destaca

Sim. Não tenha nem dúvida. Ele foi, o que a gente chama de vulto histórico para o município, não, como eu já disse antes, não apenas pelo feito político dele, mas pelo feito como comerciante, como morador, como contribuidor do município de Augusto Corrêa. Então ficaram as memórias e inclusive a família, ele mesmo guardava memórias fotográficas que hoje servem para todas as gerações de estudantes que queiram descobrir algo sobre o município de Augusto Corrêa, sobre os políticos, sobre quem passou, de como era, de como foi que passou de vila para município, de vila para a cidade onde a gente mora; as pessoas recorriam aos arquivos da família, que ele guardava com muito carinho. Eu acredito que os filhos dele ainda guardam muito das histórias e fotografias, que ele sabia tão bem contar do que tinha acontecido, - “ah, aquela foto foi em tal ano, no momento em que a gente fazia tal coisa”, e não era só no período da gestão dele, ele contava as histórias de todas as outras

sugestões, que ele contribuiu, que ele acompanhou, mesmo quando as gestões não eram dos seus aliados, mas ele contava toda a história dos aliados e dos não aliados dele com muito, eu diria, com muita propriedade de quem acompanhou de perto. (Rosenilde de Cássia, ex-secretária de educação do município de A. Corrêa, entrevista realizada em 15/03/2022).

É importante observar que em relação à nomeação da escola Alfredo Monteiro de Seixas, o aspecto de homenagem parece claro, considerando a fala dos entrevistados acima. Entretanto, outro aspecto que merece destaque é a relação familiar que existia entre a família de Alfredo Monteiro de Seixas e a família do ex-prefeito Iraildo Barreto. As duas famílias, segundo os relatos acima descritos por Iraildo, mantinham um forte laço de amizade, respeito e consideração uma com a outra, pois tratava-se de duas famílias fortemente envolvidas com a política local e que, portanto, dar o nome da nova escola a Alfredo Monteiro de Seixas, representa esses laços entre as famílias. O ato é, portanto, visto pela família do homenageado com muita gratidão. Por outro lado, é possível perceber também que as ligações entre as famílias de homenageador e homenageado sugerem a necessidade de as mesmas ficarem em evidência, num claro interesse de manutenção das mesmas famílias no poder político local.

Ainda nesse contexto, os relatos de Joaquim Augusto de Sousa Seixas, filho do ex-prefeito Alfredo Monteiro de Seixas, reafirma esses laços entre as famílias e destaca a gratidão da sua família em ter recebido essa homenagem à memória do seu pai. Ele relata que:

No dia da inauguração, a gente foi convidado, né? Para participar daquele ato lá de receber as autoridades. Tinha deputados, vereadores, as autoridades do município também presente; e eu disse pessoalmente para o prefeito, na época, o Filho do Barreto, né? Que eu agradecia profundamente dele lembrar da memória do meu pai. Eu acho que ali foi um laço de família, né? Que fez com que ele lembrasse da família dele, dos pais, dos avós dele que tiveram uma influência também muito grande naquela luta pela emancipação do município, entendeu? Juntamente com meu avô, que era Joaquim Ferreira de Seixas, certo? Então eu sempre disse e eu falei para ele nesse dia: “olha, é melhor ter um nome de uma escola de que o nome de uma rua”; não menosprezando os outros, mas, pelo fato de a escola conseguir levar o nome de gerações em gerações, tá entendendo? Passar, sair do município, ir para o Estado, até para Brasil; ter uma escola com o nome tal, né? (Joaquim Seixas - filho de Alfredo Monteiro de Seixas/Entrevista realizada em 17/05/2022).

Considerando esses relatos, fica evidente que os aspectos que envolvem a nomeação da Escola Alfredo Monteiro de Seixas, estão diretamente ligados aos laços que envolvem as famílias, tanto do homenageado quanto do homenageador. Para além disso, é possível reconhecer as relações políticas desse ato, uma vez que as duas famílias contribuíram juntas

para que o município de Augusto Corrêa, que naquele momento pertencia à Bragança, conquistasse a sua emancipação política.

Ainda para o professor Joaquim Seixas, a pesquisa sobre os nomes dos lugares é de muita importância, pois segundo ele, servirá para que as futuras gerações conheçam as pessoas que dão nome a esses lugares. Perguntado sobre como a escola (Alfredo Monteiro de Seixas) pode cumprir, efetivamente, esse papel de lugar de memória e transmitir essas memórias, perpetuando a memória do seu Alfredo Monteiro, ele enfatiza que:

Eu sempre verifico que vai muito pela direção da escola também, né? Porque a escola vai guardando nos arquivos, registrando assim como ocorre diariamente, na segunda, na terça-feira... existe registros. Então a escola tinha que registrar, procurar pesquisar para saber toda a vida da pessoa que deu o nome a escola, para poder ficar registrado. Outra coisa que poderia ter, era uma foto; não tem a foto do governador para te lembrar o período que ele tá governando? assim mesmo seria, entendeu? Um quadro para lembrar: “olha, o nome da escola é deste homem aqui, deste senhor aqui, então tinha toda uma biografia dele. Teve um professor que me procurou, dizendo que todas as escolas que ele passava - ele é professor no município - acho que ele já trabalhou em outras comunidades lá; ele me disse que todas as escolas que ele passa, ele tenta saber quem são as pessoas que deram o nome a escola, entendeu? É o mesmo trabalho que ele (Gleidson) tá fazendo; e o trabalho dele aqui, é de suma importância porque vai ficar registrado. É um trabalho significativo, a gente vai ver que vai ficar registrado e vai ter outras pessoas, daqui há alguns anos, que vão pegar a mesma pesquisa dele e vão usar para levar esse conhecimento em termo de nomeação das escolas. Então, eu acho que o primeiro ponto seria, a própria escola, a direção da escola, ter toda essa preocupação de colocar a biografia dessa pessoa que deu o nome; e também fazer com que o aluno saísse da escola e fizesse pesquisas pelas ruas, quanto mais pesquisar melhor. Ele ia pesquisar as pessoas mais antigas, né? As pessoas que viveram naquela época, aí eu ia registrando, aí depois, eu fazia um resumo de tudo aquilo, entendeu? Eu acho que esse seria um dos pontos importantes.

O trabalho dele, como eu falei, é significativo, porque vai ser alvo de pesquisa para outros alunos futuramente; principalmente, do município de Augusto Corrêa. Então, é fundamental isso, né? que a escola se preocupe de fazer com que, realmente, se tenha essa pesquisa, né? E quanto mais pesquisar melhor. Senão, daqui há uns 10 anos, 20, 30 anos, ninguém mais vai saber, aí vai ficar esquecido. Quem foi esse homem? Quem foi essa mulher? Por que esse nome? Então, é realmente importante a gente saber o alvo da pesquisa dele, saber que motivo levou a nomeação daquela escola. Aí, eu volto a repetir, meu pai teve função importante na política. Foi duas vezes vereador, eleito por lá; porém, ainda pertencia à Bragança, e teve dois mandatos de prefeito no município. Então, como eu sempre penso, que todos os prefeitos deram uma parcela de colaboração, e futuramente será lembrado o nome do Filho, futuramente, do prefeito atual e de outros prefeitos. É importante isso! (Joaquim Seixas - filho de Alfredo Monteiro de Seixas/Entrevista realizada em 17/05/22).

A relevância e o objetivo desse trabalho são justamente esses, fazer com que ele fique como objeto de interesse para as futuras gerações de alunos dessas escolas e as pessoas do município possam conhecer a história dos sujeitos que dão nome às escolas – não só das três escolas estudadas aqui, mas das outras que também receberam nome de pessoas - a história do município, por fim, a sua história.

Aspectos igualmente interessantes e esclarecedores para que possamos entender mais sobre as nomeações das escolas do município de Augusto Corrêa vem dos relatos sobre a nomeação da Escola de Ensino Infantil Professora Cecília de Brito Lobão. Nesse caso, um fato incomum foi determinante para que eu escolhesse essa escola para integrar minha pesquisa. Como já mencionado no início desse artigo, o ex-prefeito do município de Augusto Corrêa na época da nomeação da escola era o Dr. Milton Mateus de Brito Lobão, filho da professora Cecília de Brito Lobão. A escola foi inaugurada em 1998 e à época, a então homenageada estava viva e também esteve presente no ato de inauguração da escola. Fato relevante para o entendimento, pois existe uma lei que proíbe a denominação de logradouros públicos com nome de pessoas vivas. De acordo com a Lei Nº 5.464 de 1977, em seu artigo 1º diz que: “É proibido, em todo território nacional, atribuir nome de pessoa viva ou que tenha se notabilizado pela defesa ou exploração de mão de obra escrava, em qualquer modalidade, a bem público, de qualquer natureza, pertencente à União ou às pessoas jurídicas da administração indireta”. (Fonte: <http://www.planalto.gov.br/> acessado em 07/06/2022).

Diante disso, chama a atenção o fato de que naquele momento o então prefeito incorreu em um crime, pois segundo a referida lei, ele não poderia ter dado o nome da mãe ainda viva para a escola. Qual então seria o motivo para que o gestor municipal tivesse desconsiderado a lei e ter dado mesmo assim o nome da sua genitora ao local? Homenagem ou política?

Para o Dr. Milton Lobão, os motivos da nomeação estão revestidos de valores muito mais importantes que meramente “cultos à personalidade”. Ele relata que

Cecília Lobão, minha mãe, na minha opinião, foi um modelo de resiliência, de cidadã; como filha desse município e enquanto profissional de educação. Eu sempre fui uma pessoa contra o culto à personalidade, sempre fui contra; ninguém encontra uma fotografia minha nenhuma, resquício de fotografia minha durante os 8 anos que eu fui prefeito. Eu não tenho fotografia com paletó nem com faixa do município atravessada no peito, porque eu sempre fui contra isso. Eu nunca gostei de culto à personalidade. Eu me criei ouvindo meu pai falar muito em Getúlio Vargas, inclusive, tem uma música que dizia: “o retrato do velhinho põe a gente para trabalhar”, que era uma coisa que todas as repartições no Brasil tinham na época de Getúlio Vargas. E depois eu vi

aqui, já na década de 70, um culto à personalidade de Jader Barbalho, folhinhas e cartazes, que todo cidadão no interior tinha uma fotografia do Jader no seu quarto e dentro da sala da sua casa. Eu sempre fui contra isso; nada a ver, mas eu nunca cultivei esse tipo de coisa. Então, a questão da minha mãe, não é pelo fato dela ser minha mãe, ser mãe do prefeito à época, até porque, eu também acho que na escola não tem nenhuma fotografia dela. Eu já fui, já conversei, já me chamaram, já me pediram uma fotografia dela e eu saio pela tangente, evito esse tipo de coisa. (Milton Mateus de Brito Lobão, filho de Cecília de Brito Lobão, entrevista realizada em 21/05/2022).

É possível perceber no relato do entrevistado que ainda não fica claro as motivações do ato de nominar a escola. Porém, fica evidente a falta de símbolos que remetem à memória da homenageada dentro desse espaço. Percebemos o desinteresse por parte de quem está à frente da gestão escolar em buscar meios para que a história do sujeito que dá nome a escola seja evidenciada, conhecida. Sobre isso, o ex-prefeito complementa que:

Cumpra a direção da escola, aos responsáveis pela escola, procurem ser transmissores da história dela. É obrigação deles levar esse legado educacional da minha mãe pra frente. Eu acho que cumpre a eles, pra ter, pra justificar a razão do nome da escola; porque senão fica parecendo uma coisa aleatória. (Milton Mateus de Brito Lobão, filho de Cecília de Brito Lobão, entrevista realizada em 21/05/2022).

Importante a fala do ex-prefeito, pois é preciso compreender que esses atos, como já mencionado no início, não podem ser entendidos como atos meramente administrativos e “aleatórios”, mas atos cheios de significados.

Ainda para o Dr. Milton Lobão, dar o nome da sua mãe à escola foi uma decisão justa e que ele tem certeza de fez a coisa certa, mesmo sabendo que a lei não o amparava. Nesse sentido, ele completa enfatizando suas motivações:

O motivo maior, o motivo primordial, foi dela ter desempenhado com responsabilidade, muita responsabilidade e muito amor à profissão. Minha mãe tinha maior orgulho de ser professora. Ela era uma pessoa que brigava junto da gente, brigava pela qualidade de ensino. Minha mãe era muito preocupada com a qualidade de ensino. Então, eu acho que foi uma homenagem tranquila. Eu nunca me preocupei. As pessoas falavam: “ah, mas tu deste o nome da tua mãe pra escola e a tua mãe ainda estava viva, isso é contra a lei”; mas ninguém rebateu, nem a câmara rebateu e eu fiquei com a minha consciência muito tranquila de ter feito a coisa certa, por ter feito meu dever e ter homenageado uma pessoa, que por acaso era minha mãe. Mas eu vou te confessar uma coisa, no dia que fizeram uma escola lá no Tijóca, colocaram o nome de uma senhora, que eu acho que era professora. Tudo bem! Eu fiquei calado, não disse nada, mas no fundo, no fundo, eu achei uma grande injustiça e por questão de política, não terem colocado o nome da minha mãe. Naquela época, era o governo do seu João Amorim. Não ter colocado o nome da minha mãe, que minha mãe foi a primeira professora ou o nome da minha

avó, que minha avó foi professora de muitos caboclos e também era médica; ela era quem suturava quando o caboclo se cortava, era ela quem enfaixava o osso do caboclo quando quebrava. Aí nunca prestaram essa homenagem para minha mãe nem pra minha avó. Então, mais que direito eu fazer isso. (Milton Mateus de Brito Lobão, filho de Cecília de Brito Lobão, entrevista realizada em 21/05/2022).

Podemos observar num trecho do relato do entrevistado um ponto contraditório e interessante em relação a linha tênue entre homenagem e motivação política no que concerne aos atos de nomeações das escolas. Percebam que ele relata que em outro dado momento histórico do município, certo gestor quando teve a oportunidade de nomear a escola da vila onde nasceu a professora Cecília de Lobão, este, segundo Dr. Milton, não o fez por questão política. No entanto, como entender que outro administrador não deu o nome da professora Cecília, que certamente merecia, pois é filha daquele lugar e desempenhou papel importante na formação escolar de muitos dali, por questões políticas e ele (Dr. Milton Lobão), quando a frente da gestão municipal resolve nomear a escola com o nome da mãe ainda viva, é apenas uma justa homenagem pelos seus feitos educacionais e princípios como cidadã do município e não um ato por razões políticas? São provocações importantes de evidenciar, porque mostram uma teia de relações que envolvem esses atos. Por isso é tão importante buscar compreendê-los.

Para fechar a minha pesquisa a respeito dos aspectos das nomeações das escolas do município de Augusto Corrêa, achei importante pesquisar sobre a Escola Professora Rosa Athayde. Esta escola é a principal instituição escolar de ensino fundamental do município. Inaugurada em 1973 em homenagem a professora Rosa Athayde, esposa do primeiro prefeito de Augusto Corrêa após a emancipação política, Major Benedito Cardoso de Athayde. Professora Rosa Athayde vinha de uma família muito tradicional do município de Bragança, seus familiares exerciam muita influência no meio político tanto de Bragança como na vila de Urumajó.

A professora Rosa Athayde foi uma das professoras mais antigas da vila, conhecida por alfabetizar os nativos do povoado, desempenhou papel muito importante no desenvolvimento da educação do município e certamente merecia a justa homenagem, pura e simplesmente por esses motivos, assim como merecia Alfredo Monteiro de Seixas e Cecília de Brito Lobão, no entanto, podemos perceber mais uma vez a forte ligação política das nomeações dessas escolas.

A ex-professora Joana Nascimento Moraes, antiga professora da instituição e contemporânea de Rosa Athayde, perguntada se conhecia bem a homenageada e os possíveis motivos da nomeação da escola, relembra que

Sim. Conheci muito. Dona Rosa era muito minha amiga e Major Benedito Cardoso de Athayde, esposo dela também e as filhas dela também. Com todos eu me dava muito bem. Eu também acho que foi uma grande homenagem, já que ela foi uma das professoras mais antigas do município. (Joana Nascimento Moraes, ex-professora da escola Rosa Athayde, entrevista realizada em 25/05/22).

Ainda sobre a história da professora Rosa Athayde, o relato da professora Osmarina Matos da Cunha, também ex-professora da instituição, amiga e vizinha de Rosa Athayde, relata sobre a personalidade da professora e conta que

Eu também conheci a professora Rosa Athayde, ela era minha vizinha. Uma senhora muito bonita, elegante, assim, muito educada. Então eu convivi com ela, gostava de conversar com ela, com o seu Benedito Cardoso, que eu ainda conheci como prefeito e depois ela foi embora. Depois de dois anos ele deixou a prefeitura e eles foram embora, aí eu perdi o contato com eles. Então eu conheci um pouco. Ela foi professora e aí fizeram essa homenagem para ela. Pelo seu Benedito Cardoso como ex-prefeito e por ela como professora, quiserem homenageá-la dando seu nome a escola de ensino fundamental. (Osmarina Matos da Cunha, ex-professora da escola Rosa Athayde, entrevista realizada em 25/05/22).

A partir dos relatos das entrevistadas, podemos observar que, apesar de ficar evidente que existe uma relação política nesses atos de nomeação, pode ser mais cômodo falar sobre o aspecto de homenagem, uma vez que tratar as relações políticas no município ainda seja um assunto sensível. Outrossim, não podemos deixar de concordar que as contribuições e feitos dos homenageados para a história do município são relevantes e poderiam sim justificar as homenagens, mas para os homenageadores, dar nomes de sujeitos dentro dos seus laços familiares, constitui um ato político que pode ser entendido como uma forma de demonstração do poder político local. Não são atos isolados, são atos com motivações específicas, feitos para perpetuar nomes de sujeitos importantes para o contexto político do município. Porém, como perpetuar esses nomes, se as instituições que os receberam não estão cumprindo o papel de transmissoras das memórias desses indivíduos?

Eu decidi por pesquisar sobre a Escola Rosa Athayde porque foi a única escola das três citadas nesse trabalho em que eu estudei e durante os 04 anos em que estive como aluno, eu não conheci a história da pessoa que deu seu nome à escola. Isso sempre me foi uma

provocação. Nenhum quadro com a foto dela no pátio da escola, nenhuma placa com a biografia dela. As placas com as datas de inauguração dessas escolas estão lá, com os nomes das autoridades, dos engenheiros, da primeira turma; a homenagem pode ser justa, mas deixar a história e as memórias dessas pessoas no esquecimento, não pode ser.

Talvez seja esse o ponto essencial para que possamos entender o porquê de as gerações de alunos não estarem recebendo a transmissão das memórias das pessoas que dão nome as escolas onde estudam. Para NORA (2002) as lembranças dos lugares são simbólicas, pois “(...) caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número, uma maioria que deles não participou”. (NORA, 2002. p. 22).

É essa maioria que não participou, mas também não busca conhecer esses acontecimentos, que estão se formando nessas escolas. Portanto, o papel dessas escolas como lugares de memória, pode não estar sendo cumprido, uma vez que o objetivo da nomeação é exatamente transmitir e dar continuidade às memórias dessas pessoas. Além de ajudar no papel de construção de identidades, através, principalmente, da compreensão de que a memória coletiva é fator determinante para que isso aconteça. Preservar e transmitir essas memórias podem contribuir muito para que, no futuro, as histórias das pessoas que nomeiam as escolas possam ser contadas novamente. Para isso, as escolas precisam entender o seu papel nesse processo.

Por que as memórias do ex-prefeito Alfredo Monteiro de Seixas não são transmitidas para os alunos da escola que leva seu nome? Pude constatar essa lacuna na transmissão dessas memórias a partir das entrevistas realizadas com quatro (04) alunos da escola. Entrevistei alunos do 6º, 7º, 8º e 9º ano, respectivamente, que foram perguntados se sabiam quem foi Alfredo Monteiro de Seixas e também se conheciam alguma história sobre ele. Dos quatro alunos entrevistados, apenas o último aluno respondeu positivamente a primeira pergunta e completou dizendo que “ele foi uma pessoa muito importante, um político muito importante aqui do nosso município e através dele, eles fundaram essa escola”. (Danilo, aluno do 8º ano da escola Alfredo Monteiro Seixas, entrevista realizada em 20/04/22).

A mesma coisa acontece na Escola Rosa Athayde, dos quatro (04) alunos entrevistados apenas um respondeu que sabia quem foi a professora Rosa Athayde, mas que não tinha ouvido nenhuma história sobre ela. Como dito acima, a pesquisa sobre a Escola Rosa Athayde se deu pelo fato de ter sido a escola em que eu passei mais tempo como aluno. E também por essa

razão, o fato de não conhecer e não ter ouvido a história da pessoa que deu nome à escola enquanto estive estudando lá, foi que me fez optar por essa temática e, portanto, buscar entender o porquê dessas escolas não estarem contando as histórias desses sujeitos.

Para o dr. Milton Lobão e para o professor Joaquim Seixas, citados acima, cumpre à direção das escolas fazer com que as histórias dessas pessoas sejam transmitidas. Segundo eles, é dever das escolas fazer com que as memórias desses sujeitos sejam perpetuadas, não só pelo simples ato das nomeações, mas porque construir memórias coletivas é também construir de identidades. E esse deve ser o papel social dessas escolas, construir não só lugares de memória, mas sujeitos de memória.

5. Considerações Finais

A partir das argumentações levantadas nesse artigo, é possível concordar com os entrevistados quando estes se referem ao papel da escola e sua falta para com a transmissão das histórias dos seus patronos. Alfredo Monteiro de Seixas desempenhou papel importante na luta para a emancipação do município e, quando prefeito, se preocupou com as questões educacionais criando escolas nas vilas e dando melhores condições de trabalho para professores. Sua história precisa ser lembrada, conhecida, transmitida e a escola que recebeu seu nome pode sim contribuir para essa transmissão.

Professora Rosa Athayde, nas palavras do dr. Milton Lobão “não tinha necessidade nenhuma de lecionar, pois seu marido tinha posses”, mas ainda assim, foi responsável por alfabetizar muitos nativos da vila de Urumajó. Formou gerações de alunos que depois viraram professores que lecionaram na escola onde recebeu seu nome. Uma história que também não pode ser esquecida. A escola Rosa Athayde como a principal instituição de ensino fundamental do município, através dos seus gestores, precisa criar um projeto, uma forma de resgatar e divulgar as memórias e história da professora Rosa Athayde, a fim de fazê-la ser transmitida para a comunidade escolar e para todos além dos muros da escola. Afinal, a história dessas pessoas são parte da história do município de Augusto Corrêa, suas memórias precisam ser memórias coletivas, só assim poderemos pensar as escolas como lugares de memória e, então, construtores de saberes e identidades.

Não é diferente com o que acontece na Escola Cecília de Brito Lobão. A professora Cecília tem uma história que serve de inspiração para mim, como futuro educador, pois ela

escolheu vir para o seu lugar de nascimento depois de formada e dedicou sua vida para a educação do município. Assim como a professora Rosa Athayde, alfabetizou muitas gerações de urumajoenses, e, por fim, viu-se homenageada pelo seu filho, gestor municipal da época, com seu nome na escola. Para o ex-prefeito, uma homenagem justa e correta, pois a professora Cecília foi uma verdadeira cidadã desse município quando resolveu abdicar de uma vida confortável na capital do estado para vir dedicar ao ensino dos seus conterrâneos de Urumajó. Por motivações políticas ou não, o ato da nomeação da escola que leva seu nome deve cumprir o papel de transmissora da sua história para que ela não seja esquecida.

Esse trabalho não tinha o intuito de ser conclusivo, no sentido de dar um final a essa problemática, pois há ainda muitas lacunas para serem preenchidas e muitas possibilidades de encontrar respostas para elas. Como vimos, as escolas podem cumprir um papel importante como lugares de memória e difusoras das histórias dos seus patronos. Para isso também existem muitas possibilidades. Para FONSECA (1993), a História como disciplina passou a indicar novos caminhos para a prática da história ensinada, portanto, a forma de abordagem desse tema dentro de sala de aula abrange uma variedade de oportunidades. Nesse sentido, a autora destaca o rumo desses novos caminhos para o ensino de História dentro da sala de aula:

1 – Há uma ampliação do campo da história ensinada através da busca por temáticas novas, da pluralização das fontes utilizadas. Apesar de o livro didático continuar hegemônico, os professores têm incorporado diversificado número de matérias e problemas, evitando assim, a exclusão de diversos sujeitos e ações históricas, tradicionalmente operadas pelos manuais e programas de ensino;

2 – A multiplicidade de leituras e concepções historiográficas presentes na biografia acadêmica tem sido mais incorporada ao ensino de História, através dos livros paradidáticos e matérias de ampla divulgação. A história única e globalizante que privilegia os vieses heroicos e os mitos nacionais passa a ser combatida, especialmente após as novas propostas curriculares, em favor de uma prática que enfatiza a história como construção;

3 – Tende a ocorrer um redimensionamento nas relações passado/presente na História ensinada. O estudo da História a partir das problemáticas do presente para resgatar o passado e o próprio sentido da História é hoje objeto de discussão de professores e alunos em diferentes realidades. (FONSECA, 1993, p. 155).

Muito pertinentes os argumentos da autora para que possamos reafirmar o papel da escola e dos professores sobre as formas de abordar o tema das nomeações das escolas, pois os professores, principalmente os professores de História, que podem usar isso como assunto de aulas, exposições com a presença dos familiares das pessoas que dão nome às escolas, projetos de resgate de memórias dos patronos escolares, para a sede do município e também

para o interior, pois há muitas escolas com nome de pessoas no município todo, ou seja, minhas provocações apresentadas aqui, podem ser as provocações e questionamentos de outros alunos e ex-alunos espalhados por todo o município de Augusto Corrêa.

Tomado pelo exemplo deixado pela professora Rosa Athayde e professora Cecília de Brito Lobão, preocupadas com a educação do seu lugar e empenhadas em buscar melhorias para o ensino de muitas gerações de alunos do município, eu como futuro educador, pretendo também contribuir com a educação do meu município e a partir desse trabalho, pensar uma forma de resgatar as memórias de quem emprestou seu nome para as escolas e, principalmente, fazer com que as histórias desses sujeitos e suas memórias não sejam esquecidas.

Referências Bibliográficas

CUNHA FILHO, Francisco Humberto; MAGALHÃES, Allan Carlos Moreira. A natureza jurídica do ato de nomeação de espaços públicos. **Revista de Informação Legislativa**, v. 58, n. 232, p. 11-32, 2021.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada**. Papyrus Editora, 1993.

LE GOFF, Jacques et al. *História e memória*. 2003.

MARTINS, Carolina Christiane de Souza. **Política e Cultura nas histórias do Bumba-meu-boi: São Luís do Maranhão - Século XX**. UFF, Dissertação (Mestrado em História) Niterói, 2015.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

PINTO, Danilo César Souza. Etnografia de Espaços Estatais: Os Nomes das Ruas da Cidade de São Paulo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 16, 2015.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BITTENCOURT, Circe. **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

Fontes (Entrevistas)

Rosenilde de Cássia Assis, ex-secretária de Educação do município de Augusto Corrêa (2017/2020);

Iraildo Farias Barreto, ex-prefeito do município de Augusto Corrêa (2017/2020);

Milton Mateus de Brito Lobão, ex-prefeito do município de Augusto Corrêa (1997/2000)

Osmarina Matos da Cunha, ex-professora da Escola Rosa Athayde;

Joana Nascimento Moraes, ex-professora da Escola Rosa Athayde;

Joaquim Augusto de Souza Seixas, professor e filho de Alfredo Monteiro de Seixas;

Danilo da Silva, aluno do 8º ano da Escola Alfredo Monteiro de Seixas;

Gabriel dos Santos, aluno do 7º ano da escola Alfredo Monteiro de Seixas;

Caio Robert, aluno do 6º ano da Escola Alfredo Monteiro de Seixas;

Rômulo Edgar, aluno do 6º ano da Escola Alfredo Monteiro de Seixas;

Alexandre Ferreira, aluno do 7º ano da Escola Rosa Athayde;

Mirelle de Cássia, aluna do 8º ano da Escola Rosa Athayde;

Antônio Victor, aluno do 6º ano da Escola Rosa Athayde;

Paulo André, aluno do 7º ano da Escola Rosa Athayde.